

TEATRO POPULAR DO SESI

Apresenta



O CASO DA CASA

DE JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

INSPIRADO EM CONTOS DE MACHADO DE A



SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

Convite Grátis

O CASO DA CASA

José Rubens Siqueira

O CASO DA CASA

Uma comédia de épocas

escrita por José Rubens Siqueira
a partir de contos de Machado de Assis

1ª época - 1888

Ernesto de Tal

2ª época - 1921

Luís Soares

3ª época - 1939

O Segredo de Augusta

Epílogo - 1941

Ernesto de Tal

São Paulo julho/setembro 1985

esperando o cometa

"Nada é simples nele (Machado de Assis) e não há nada, no melhor de sua obra, que se entregue de braços abertos à primeira leitura".

Augusto Meyer

ADAPTAR MACHADO DE ASSIS PARA O TEATRO

O melhor de Machado de Assis é o contador de histórias da vasta coleção de contos, esse universo de entrelinhas, sempre filtrado pelo narrador. Machado não deixa o leitor se relacionar diretamente com as personagens. Ele, narrador, se interpõe sempre, ironizando mordazmente os seus personagens que são sempre tipos, beirando mesmo a caricatura.

A aparente frivolidade da situações conduz o leitor, imperceptivelmente, para um mergulho nos abismos da alma urbana escravizada por convenções, por uma moral de aparências que toca o ridículo, mas não consegue reprimir as paixões. No fundo, são sempre elas que conduzem essa multidão de pequenos funcionários, políticos, poetas e músicos medíocres, milionários míúdos, religiosos hipócritas e mulheres quase sempre ardentes e contidas.

Ampliar um único conto para uma peça teatral inteira (como fez o próprio Machado ao transformar seu conto Linha Retá, Linha Curva na comédia As Forças Caudinas) significava renunciar à forma concisa, sintética e ágil que constitui o aspecto mais saboroso do Machado contista. Daí a escolha de três contos de temática semelhante, representativa de sua obra, interligados por um narrador que, à maneira do próprio Machado, conduz o espectador de história em história, usando como chave as palavras do próprio Machado na Advertência ao volume Relíquias de Casa Velha, que abrem a peça.

A transposição das duas últimas histórias e parte da primeira para épocas posteriores e a sutil evolução do linguajar foram liberdades tomadas depois de muita ponderação e que, espero, não desagradem ao Mestre, onde quer que ele "descanse dessa longa vida".

José Rubens Siqueira

São Paulo

29 de setembro de 1985

77ª aniversário da morte de M.deA.

Cenário único

À esquerda porta que dá para o hall de entrada da rua, sala de jantar e área social da casa.

À direita porta que dá para os quartos e área íntima da casa.

No centro um sofá e um tapete. Sobre ele um espelho emoldurado.

PERSONAGENS por ordem de entrada em cena

M. de A.- idade e roupa indefinidas. Seu terno serve tanto para o século passado quanto para éste.

PRIMEIRA ÉPOCA

ERNESTO- 22 anos, "laborioso, bem quisto, econômico, singelo e sincero" e apaixonado.
VIEIRA- 50 anos, pequeno proprietário, vive de rendas.
JORGE- 20 anos, estudante vivido e esperto.
ROSINA- 18 anos, "galante e graciosa", "viva, travêssa", "afetação nos modos e no falar".
JUSTINA- 23 anos, alta, magra, a que ninguém tira nos bailes, leitora ávida.
AMÉLIA- 20 anos, baixa e redonda, com quem todos dançam, mas não para casar.
MOÇO- 22 anos, elegante, refinado e firme.

SEGUNDA ÉPOCA

LUIS SOARES- 30 anos, frívolo, perspicaz e ambicioso, "fuma tanto quanto um soldado e tão bem como um lord".
PIRES- 30 anos, "bisbilhoteiro e leviano"
CRIADA- meia idade, o tipo da governanta maternal.
ADELAIDA- 24 anos, "alta e bem proporcionada", "tinha todas as energias: a das paixões e a da vontade".
MAJOR VILELA- "uns bons 60 anos, alegre e severo ao mesmo tempo.
ANTONIA- 60 anos, inteiramente míope, faceira e animada.
ANSELMO- 78 anos, "fazendeiro rico", "rijo e capaz de grandes feitos".

TERCEIRA ÉPOCA

AUGUSTA- 30 anos, "bela, elegante", "a mesma frescura dos 15 anos... consciência da beleza e da mocidade... uma imensa e profunda vaidade".
ELISA- 15 anos, "as graças de Augusta estavam todas presentes" nela, apesar de "uns restos de infância"
CARLOTA- "segundo volume de Augusta... a mais afável inimiga que pode haver no mundo".
VASCONCELOS- "40 anos, nem apressado... ar de diplomata... cara risonha e expansiva... robusta saúde".

GOMES- "cerca de 30 anos... chiste e certa inteligência, bonito, um lindo bigode"

JOSÉ BRITO- o credor sovina, mal vestido por avareza, direto, vivo, miúdo e mesquinho

LOURENÇO- "um irmão terrível. Obedecia a todos os desejos da cunhada, mas não poupava de quando em quando um sermão ao irmão" (Vasconcelos).

O CASO DA CASA foi concebida para sete atores, tres mulheres, quatro homens, devendo o ator que desempenha o papel do narrador M. de A. desempenhar também um outro personagem em cada uma das histórias.

A intenção disso é conservar, subjacentemente, a relação que Machado mantinha com sua obra: ele estava sempre dentro e fora, uma vez que reforçava a função do narrador, mas utilizava quase sempre material autobiográfico.

No entanto, poderá haver um oitavo ator, para interpretar unicamente o papel de M. de A., ficando a decisão a critério exclusivo do encenador.

M. de A. diante da cortina fechada, dirige-se à platéia.

M. de A.-- Uma casa tem muitas vezes as suas relíquias. Lembranças de um dia... de outro... da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Nem todas são interessantes, mas se a gente tiver cuidado, sempre encontra algumas que merecem ser contadas.

A vida é uma casa e relíquias as coisas que acontecem dentro dela: amores, intrigas, ambições, segredos...
Cada casa tem seus casos. Qual será o caso desta?
Vamos entrar e desvender umas relíquias...

Separa as cortinas que se abrem revelando o cenário.

Ernesto e Vieira já estão sentados em cada ponta do sofá. Imóveis.

M. de A. coloca-se entre os dois.

M. de A.-- Estamos numa sexta-feira de maio de 1888. Ernesto (indica) frequenta a casa do seu Vieira (indica) pai de Rosina, que é o nome da namorada. Comparece dia sim, dia não, sempre às seis horas da tarde.

(sai)

VIEIRA-- Uma casa ampla, arejada, confortável e cheia de luz. Na Rua Nova do Conde, perto do Campo da Aclamação. Era o maior sonho de minha espôsa. Coitadinha! Não teve tempo de gozar essa felicidade. Deus quis que nos deixasse cedo e ela morreu assim que a casa ficou pronta e nos mudamos para cá. Faz seis anos. Por isso nunca demos aqui nenhuma festa. Amanhã vai ser a primeira. Resolvi hoje de manhã. Não é reunião grande, convidei pouca gente, mas espero que seja brilhante. Ia te mandar um convite, mas já que apareceu não é mais preciso, não é mesmo?

ERNESTO-- Claro.

VIEIRA-- Então? Digo a Rosina que te espere?

ERNESTO-- Sim, senhor.

VIEIRA-- Ótimo. Ela não deve demorar. Saiu com as amigas. Sabe como são as mulheres quando saem juntas...

ERNESTO-- Como?

VIEIRA-- Como? Como o que?

ERNESTO-- Como são as mulheres quando... o senhor me perguntou e...
(ri)Param de loja em loja, curiosas, experimentando tudo...

ERNESTO- É. É verdade.

Os dois se calam, passa-se um tempo incômodo e sem assunto.

VIEIRA- Fuma?

ERNESTO- Hã? Não. Não senhor.

VIEIRA- Eu também não. Mas se quiser, não se acanhe. Pode fumar.

ERNESTO- Desculpe, mas... eu não fumo, seu Vieira.

VIEIRA- Claro, claro. Acabou de me dizer. (breve pausa incômoda, ele consulta o relógio de bolso). Está ficando tarde.

ERNESTO- É verdade. Quem sabe,, eu... acho que... Se o senhor me dá licença, acho que não vou esperar (levanta-se) Tenho de ir. Até logo, seu Vieira.

VIEIRA- Claro, claro. Até mais Ernesto. Até a festa.

ERNESTO- Sim, senhor. (vai saindo)

VIEIRA- Não falte!

ERNESTO- Não, senhor. (vai saindo)

VIEIRA- Ah! Estava me esquecendo de avisar uma coisa. Como o comendador Meireles também vem eu queria que todos os meus convidados aparecessem de casaca.

ERNESTO- De casaca?!...

VIEIRA- Você me faz esse sacrifício, não é?

ERNESTO- Com muito gosto.

Apaga-se a sala, acende-se o proscênio. Jorge, já em cena, começa a falar imediatamente, enquanto Ernesto vem chegando desanimado)

JORGE- Então, está resolvido. É meter a casaca e ir. Não sem antes tomar um banho, claro. A moça merece um banho, não merece?

ERNESTO- Antes fosse só banho o problema.

JORGE- Qual é então?

ERNESTO- Por mais ridículo que pareça eu... não tenho casaca. Nem nova, nem velha.

JORGE- Bom, então vai sem. O importante é ir. O importante é não deixar escapar a escolhida do seu coração. Além disso, essa exigência é absurda.

ERNESTO- Absurda ou não, não tenho como fugir. É não ir ou ir de casaca.

JORGE- O jeito é encomendar a qualquer preço uma casaca para amanhã de noite.

ERNESTO- Encomendar... Nenhum alfaiate fabrica uma casaca do dia para a noite.

JORGE- Então, compra feita.

Ernesto revira os bolsos vazios.

JORGE- A crédito.

ERNESTO- Meu crédito não é tão alto.

JORGE- Já sei! Peça emprestada.

ERNESTO- Acha que já não pensei nisso?

JORGE- Pensou?

ERNESTO- Pensei. Fiz uma lista dos amigos e das casacas prováveis e saí em campo. O primeiro amigo tinha de ir a um casamento amanhã. O segundo vai a um baile. O terceiro me emprestou. Uma casaca finíssima que tinha sido do avô dele e que rasgou de alto abaixo assim que eu experimentei. O quarto amigo já tinha emprestado. O quinto não empresta. O sexto não tem. Eu ia dessistindo, mas me lembrei de mais dois. E fui pedir. Um vai para Iguacu amanhã. De casaca. E o outro foi convocado para o Exército.

JORGE- É. A sorte não está do seu lado.

ERNESTO- O pior é que parece estar caçoando de mim. Quando eu vinha voltando para a casa cruzei com dois enterros. Cheios de casacas tristes.

JORGE- O jeito, meu velho, é curvar-se ao destino. E não ir.

ERNESTO- De jeito nenhum. Não posso recusar o convite.

JORGE- Então, vai assim mesmo e confessa que não tem casaca.

ERNESTO- Isso nunca. Eu vou é escrever uma carta dando uma desculpa. Um trabalho urgente que me impede de comparecer ao baile.

JORGE- Você acha que uma cartinha basta para garantir o amor de uma mulher?

ERNESTO- Não tenho outra saída.

JORGE- É, velho. Parece que o destino cruel está decidido a te fazer perder a namorada.

ERNESTO- Não! Nunca!

(sonhador) Ah, Rosina! Os olhos dela... são espertinhos, caçadores. E com um certo movimento que ela faz, ficam

ainda mais caçadores e espertinhos. Ela é... galante...
graciosa...

JORGE- Claro! E se não fosse, o meu amigo aqui ia se deixar prender?
Nunca!

Suavemente vai se acendendo um foco em Rosina, sentada no sofá, uma amiga de cada lado.

Ernesto continua falando com Jorge enquanto a luz vai se apagando sobre eles.

ERNESTO- Alta não é. É baixinha, viva, travessa, feiticeira...
Não veste com luxo, sabe? Porque o pai não é rico.
Usa poucos enfeites. Dois laços de fita no cabelo.
Ah!, se aquelas fitas quisessem me enforcar!...

Ernesto e Jorge saem. A luz revela a sala toda.
Num canto Vieira conversa com o Moço.
Rosina olha para ele por trás do leque. As amigas observam.
O Moço corresponde ao olhar.

JUSTINA- Namôro ferrado!

AMÉLIA- É mesmo.

ROSINA- Calúnias!

JUSTINA- Quer me enganar? Tira o cavalo da chuva!

AMÉLIA- Ele não para de olhar. Parece que nem está ouvindo o que o seu pai diz.

ROSINA- Se vocês duas não pararem com isso eu saio da festa e vou me trancar no meu quarto.

JUSTINA- Pois vá!

AMÉLIA- Coitado do Ernesto.

ROSINA- Fale baixo!

JUSTINA- Por que é que o Ernesto não veio?

ROSINA- Mandou dizer que tinha um trabalho urgente.

AMÉLIA- Quem sabe algum namôro também.

ROSINA- De jeito nenhum! Ele não é capaz.

JUSTINA- Nossai! Que confiança!

AMÉLIA- Que amor!

JUSTINA- Que certeza!

AMÉLIA- Que defensora!

As tres riem. Começa a tocar uma valsa.

ROSINA- O Ernesto não é capaz de namorar outra. Tenho certeza.

Amanhã, às seis da tarde vai estar de volta. Como sempre. Ele me chama de "flor da Rua do Conde". (imita) "E não só flor da Rua do Conde... flor da cidade inteira".

JUSTINA- Que modesta!

AMÉLIA- Que derretida!

As tres riem, divertidas. O Moço pede licença a Vieira e vem até o sofá. Vieira sai de cena. O Moço tira Rosina para dançar e rodopiam para fora de cena enquanto as amigas observam.

JUSTINA- Ela é um encanto!

AMÉLIA- Mas valsa mal.

JUSTINA- Eu não acho.

AMÉLIA- Namorar, namora bem.

JUSTINA- É. Não tem como esconder.

AMÉLIA- Ele também não namora mal.

JUSTINA- O bigode é bonito.

AMÉLIA- Mas o nariz é tão comprido.

JUSTINA- (maliciosa) É. O nariz é comprido.

AMÉLIA- Tão elegante. Viu que graça quando ele põe o dedo no bolso do colête e fica brincando assim com os outros?...

JUSTINA- Parece que está tocando piano.

AMÉLIA- Nariz comprido e pianista.

Riem, maliciosas. Rosina entra valsando com o Moço. Elas observam.

MOÇO- Rosina... a flor do baile. Não,não! A flor da Rua do Conde.

E não só a flor da Rua do Conde, não. Rosina, a flor da cidade inteira...

ROSINA- Que original!...

Saem valsando pelo outro lado.

JUSTINA- (suspirando) Nariz comprido, pianista e um bom emprêgo numa loja de comércio.

AMÉLIA- Pobre Ernesto! Funcionário público.

JUSTINA- Funcionário público e nariz curtinho! (gesto malicioso, indicando o tamanho do nariz).

AMÉLIA- Mas pode subir.

JUSTINA- Como é? O nariz subir?

AMÉLIA- Ernesto. Pode subir de pôsto.

JUSTINA- No serviço público? Difícil.

AMÉLIA- E o nariz comprido?

JUSTINA- Ah, esse sobe. Pelo menos é o que a Rosina diz: parece que já vai ser gerente.

AMÉLIA- (suspirando) Gerente, pianista e com o nariz comprido.

JUSTINA- Pobre Ernesto!

AMÉLIA- Pobre Ernesto!

Olham-se, fazem o gesto com o dedo e dizem juntas:

AMÉLIA E JUSTINA- Nariz curto!

Morrem de rir. Rosina e o Moço entram valsando. As duas controlam-se.

MOÇO- Passo amanhã?

ROSINA- Passe...

MOÇO- Às seis da tarde.

ROSINA- (sobressaltada) Não! Às seis não!

MOÇO- Às cinco?

ROSINA- Às cinco? Isso, às cinco. Mas só até as seis...

Saem valsando pelo outro lado.

As luzes se apagam na sala, se acendem no proscênio.

Ernesto e Jorge conversam.

ERNESTO- A carta foi, mas a resposta não veio.

JORGE- E você ficou até essa hora na rua?

ERNESTO- Debaixo da janela dela. Olhando as luzes, ouvindo o piano, as risadas dos convidados. Sofrendo a festa.

JORGE- Que é que você queria? Que no meio da festa ela saísse na janela e te atirasse um bilheteinho? Um bilheteinho e uma rosa? Isso só acontece em romance.

ERNESTO- Eu não devia ter mandado carta nenhuma.

JORGE-- Ela devia estar toda entregue à dança. Talvez... ao namôro. Nem sabia que você estava na rua.

ERNESTO-- Não sabia mesmo. Mas que diabo! podia ter respondido antes da festa. Durante o dia. Faz tres mêses que a gente namora, que troca cartas...

JORGE-- E em tres mêses você já topou com cinco ou seis rivais.

ERNESTO-- Ah! mas ela me paga. Me paga! Amanhã mesmo. Eu vou lá. Na casa dela!

JORGE-- Sem casaca, mas pontualmente às seis da tarde, como sempre.

ERNESTO-- Não. Amanhã vou às cinco.

Apaga-se o proscênio, acende-se a sala.

Rosina se abana com o leque no sofá. As amigas de cada lado.

O Moço ao lado de Justina, Ernesto se coloca ao lado de Amélia.

MOÇO-- É direito dos negros serem livres. A senhorita gostaria algum dia de viver escrava?

AMÉLIA-- Deus me livre e guarde. Só o coração consegue aguentar um cativoiro.

MOÇO-- Ah, e o seu já tem dono! É uma escrava... do amor.

AMÉLIA-- Ah, disso Rosina entende muito mais do que eu.

Moço dá um passo na direção de Rosina, Ernesto se coloca na frente dele, barrando a passagem. Justina aproveitada para entregar um bilhethinho a Rosina, que o guarda no decote.

ERNESTO-- O senhor parece... republicano. É?

MOÇO-- Sou... liberal.

ERNESTO-- Mas é abolicionista, sem dúvida?

MOÇO-- O senhor não é?

ERNESTO-- Em política é preciso ter cautela. Pensar muito antes de decidir.

MOÇO-- Pois é bom decidir logo. A lei da abolição deve passar ainda este mês. E ao que tudo indica a República não demora mais de um ano.

ERNESTO-- Duvido. Antes de dez anos não teremos República.

MOÇO-- Veremos.

JUSTINA-- Essa conversa de homens é maçante. Afinal, quem se importa com política?

AMÉLIA- É verdade! Que tal sairmos todos para passear? Abriram uma confeitaria nova que serve sorvetes divinos.

JUSTINA- Os cavalheiros nos convidam?

MOÇO- Com prazer.

ERNESTO- Com muito gosto.

JUSTINA- Então, vamos.

ROSINA- Eu não vou.

MOÇO E ERNESTO- (juntos) Não vai?

ROSINA- Está muito calor. Prefiro ficar. Vão vocês. Vão.

Saem todos. Rosina se abana um tempinho, depois tira do decote o bilhete e lê.

Ernesto entra súbitamente.

ERNESTO- Rosina!

ROSINA- (assusta-se) Ai! Ernesto, que susto! (esconde o bilhete entre as almofadas do sofá)

ERNESTO- Eu vi. Eu vi tudo, entendi tudo.

ROSINA- O que?

ERNESTO- Você não tirava os olhos dele. E ele de você. Confesse!

ROSINA- Oh, meu Deus. Você desconfia de tudo. Olhei para ele, sim. É verdade. Mas olhei por sua causa.

ERNESTO- Por minha causa?

ROSINA- É. Estava admirando a gravata dele, que era muito bonita, para dar uma igual a você no dia de Natal. Agora que você me obrigou a contar tudo, vou ter de pensar em outro presente. Esse não serve mais. Está contente?

ERNESTO- (amolece, mas controla-se e torna a endurecer) E o bilhete? Pensa que não vi? Justina te entregou um bilhete dele.

ROSINA- Você bem merecia que eu não te amasse mais. Para que inventar essas coisas?

ERNESTO- Eu não invento. Vi com meus próprios olhos.

ROSINA- Pois faz mal em acreditar em seus olhos mais do que em mim.

ERNESTO- É só isso que tem para me dizer?

ROSINA- Que mais você quer?

ERNESTO- Nada. Não quero nada.

Ernesto sai, intempestivo. Rosina procura o bilhete e torna a ler. Depois abana-se, pensando.

ROSINA-- Pensando bem, quem perde é o mísero Ernesto. Com seu empreguinho público, sem futuro.

A vida que eu quero quem me dá é o outro.

O moço de nariz comprido, como diz a Justina.

(abana-se) Nariz curto? Nariz comprido? Qual?

(abana-se, suspira) É cedo para escolher um e desanimar o outro. Fico com os dois. Assim, se o melhor falhar, não estou desprevenida.

Pior do que casar mal é não casar.

Entra o Moço, subitamente.

MOÇO-- Será que tenho um rival?

ROSINA-- (ri) Eu já te disse. Ernesto tem muita vontade de me namorar, mas perde tempo. Eu só tenho uma cara e um coração.

MOÇO-- Rosina! Você é um anjo!

ROSINA-- Quem me dera!

MOÇO-- Um anjo, sim. E acho que logo, logo vou poder te chamar de... espôsa! É. Daqui a dois meses estaremos casados. A não ser que...

ROSINA-- A não ser que...?

MOÇO-- Seu pai. Ele concorda?

ROSINA-- E por que não? Meu pai quer a minha felicidade. E casar com você é a minha maior felicidade.

Apaga-se a sala, acende-se o proscênio.

Ernesto lê uma carta para Jorge.

ERNESTO-- "Casar com você é a minha maior felicidade. Rosina."

Ah! Tudo esclarecido. Ela explicou tudo. Eu... enxerguei errado.

JORGE-- É? É o que ela diz?

ERNESTO-- Ela explica tudo. A carta que eu pensei que era um cartão de amor, era só um bilhete que um primo pediu para Justina entregar a ela. Um bilhete do primo pedindo dinheiro ao pai dela. (lê) "Você é muito mau, me forçando a revelar essas fraquezas de família. Eu juro que te amo como nunca serei capaz de amar alguém e casar com você é a minha maior felicidade. Rosina." Toma. Leia.

JORGE-- (pega a carta, lê) Hum... Tem razão. Tudo explicado,

ERNESTO-- (tomando a carta) O que? Você não acredita?

JORGE-- Minha opinião é que você devia esquecer essa tal e ir trabalhar que é coisa mais séria.

ERNESTO-- Nunca!

JORGE-- Nunca trabalhar?!

ERNESTO-- Não! Nunca esquecer Rosina!

JORGE-- Bom, se eu fosse você ia procurar logo esse sujeito que você desconfia e tirava a coisa a limpo.

ERNESTO-- Boa idéia! É isso mesmo. Mas... e se ele for mesmo meu rival? O que é que eu faço?

JORGE-- Nesse caso, o meu conselho é que você, ele e ela vão todos para o diabo que os carregue.

Jorge sai protestando por um lado, o Moço entra pelo outro e estaca ao ver Ernesto.

ERNESTO-- Boa tarde.

MOÇO-- Boa tarde.

ERNESTO-- Vai hoje à Rua do Conde?

MOÇO-- Talvez.

ERNESTO-- A que horas?

MOÇO-- Não sei ainda. Por que?

ERNESTO-- Podemos ir juntos. Eu vou às seis. (pausa, estudam-se)

Para que lado vai agora?

MOÇO-- Se o senhor for para cá eu vou para lá. Se for para lá, vou por aqui.

ERNESTO-- Quer tanto fugir de mim?

MOÇO-- Quero.

ERNESTO-- Pois eu não. Quero é esclarecer umas coisas. (Moço se vira e caminha) Espere aí! Não me dê as costas, não, seu... seu namorado sem esperança!

MOÇO-- (detendo-se) O que foi que você disse?
ERNESTO-- Namorado sem esperança.

MOÇO-- Estranho que você diga que eu não tenho esperança. Parece que ainda não percebeu o papel ridículo que está fazendo, tentando conquistar uma moça que é minha.

ERNESTO- Sua!
 MOÇO- Minha!
 ERNESTO- É... nossa, isso sim.
 MOÇO- Como é?

O Moço arma um sôco, mas se detém. Retém o gesto. Trocam olhar.
 Ele desfaz o murro.

MOÇO- Isso que você disse é muito grave. Quero uma explicação.
 ERNESTO- Eu também.
 MOÇO- Então, o que eu desconfiava...
 ERNESTO- É verdade.
 MOÇO- É verdade?
 ERNESTO- É verdade.
 MOÇO- Como sabe o que eu desconfiava?
 ERNESTO- Desconfiava de mim.
 MOÇO- E você de mim.
 ERNESTO- É.
 MOÇO- Quer dizer que ela...
 ERNESTO- Ela...
 MOÇO- Não! Não diga.
 ERNESTO- Tenho de dizer.
 MOÇO- Então, diga.
 ERNESTO- Não, não. Diga você.
 MOÇO- Ela...
 ERNESTO- É. Enganou você.
 MOÇO- E você também.
 ERNESTO- Eu também.
 MOÇO- Nós dois fomos enganados.
 ERNESTO- Vilmente enganados.
 MOÇO- Para mim é um grande golpe.
 ERNESTO- Para mim também. Eu amava Rosina.
 MOÇO- Também eu. Queria casar com ela. Logo.
 ERNESTO- Logo.
 MOÇO- Foi uma sorte você ter me avisado a tempo.
 ERNESTO- Eu posso ter errado, mas...
 MOÇO- Não. Não foi um erro. Fêz muito bem.
 ERNESTO- ... mas estou sofrendo também. Amava loucamente aquela
 moça.

MOÇO- Loucamente... Eu sei... Por mim...

(para o público) Mas será que devo condenar tão depressa a pobre Rosina? Esse sujeito pode ter sentido que ia ser derrotado e está querendo me tirar do páreo...

ERNESTO- Sei o que está pensando. Está pensando: "será que devo condenar tão depressa a pobre Rosina? Esse sujeito pode ter sentido que ia ser derrotado e está querendo me tirar do páreo."

MOÇO- Exatamente.

ERNESTO- Mas eu tenho provas. Esta carta.(tira do bolso uma carta)

MOÇO- Eu também tenho uma carta. (tira do bolso uma carta)

Os dois se olham. Trocam as cartas, abrem, lêem.

MOÇO- (lendo) "... e eu juro que te amo como..."

ERNESTO- (lendo) ... nunca serei capaz de amar alguém". Aí está! Provado.

MOÇO- Provado. (olham-se um tempo)

O deprêzo?

ERNESTO- O deprêzo.

MOÇO- É pouco.

ERNESTO- É. É pouco.

MOÇO- Temos de nos vingar...

ERNESTO- Apesar da vingança nunca ser muito digna.

MOÇO- Já sei.

ERNESTO- Diga.

MOÇO- Vamos escrever uma carta, rompendo tudo.

ERNESTO- Perfeito. Uma carta dura...

MOÇO- Seca...

ERNESTO- Cruel...

Apaga-se o proscênio, acende-se a sala.

Rosina entra por um lado, as amigas do outro, vindas da rua.

JUSTINA- Rosina...

ROSINA- Bom dia, queridas. Como estão?

AMÉLIA- (sacudindo uma carta no ar) Cartas para você. Esta é do Ernesto.

JUSTINA- (mostrando outra) E esta do nariz comprido...

ROSINA- O que é isso? Os dois juntos...

JUSTINA- Não. Um estava na esquina de baixo...

AMÉLIA- O outro na esquina de cima...

Rosina pega as cartas e avança uns passos. Abre a primeira.

ROSINA- "Senhora. Hoje que tenho a certeza da sua perfídia, certeza que nada mais pode arrancar do meu espírito, tomo a liberdade de dizer que está livre e eu estou livre. Basta de humilhações! Acreditei em tudo, enquanto conseguiu me enganar. Agora... Adeus, para sempre."
Sem assinatura...

(abre a outra, lê)

"Senhora. Hoje que tenho a certeza da sua perfídia, certeza que nada mais pode arrancar do meu..."

Rosina dá um grito e chora convulsivamente apoiada nas amigas. Saem enquanto a luz se apaga na sala e acende-se no proscênio.

JORGE- (entrando com carta na mão) Ernesto... Ernesto... Cartinha!

ERNESTO- (entra do outro lado, agarra a carta) De quem será?

JORGE- É perfumada. Não faz um mês que acabou com a Rosina, já de namôro novo, hein? Vamos bem. Vamos muito bem.

ERNESTO- (lendo) "Ainda uma vez curvo-me às suas injustiças. Estou cansada de chorar. Não posso mais viver caluniada. Venha ou eu morro. Rosina."

Ernesto sai correndo, Jorge atrás, chamando.

Apaga-se o proscênio, acende-se a sala.

Rosina anda de um lado para outro, o leque agitado.

Ernesto entra, os dois estacam, olham-se.
Tempo.

ROSINA- Não tem remorsos?

ERNESTO- De que?

ROSINA- Do que me fez.

ERNESTO- Eu?

ROSINA-- Você. Me abandonou sem uma explicação. E eu adivinho porque. Suspeita. Ou melhor: calúnia.

ERNESTO-- Nem calúnia, nem suspeita, mas só a verdade.

Rosina cai em prantos, dramaticamente.

ERNESTO-- Por favor, não chore!

ROSINA-- Não chore! Não chore?! Você me pede para não chorar quando vejo a felicidade escapando entre os meus dedos, sem poder ao menos merecer a sua... A sua amizade. Porque o senhor... o senhor me despreza.

ERNESTO-- Não...

ROSINA-- Despreza, sim. Despreza.

Olham-se um tempo. Rosina enxuga os olhos.

ERNESTO-- Você... será capaz de desmentir essa... calúnia?

ROSINA-- Sou.

ERNESTO-- Pode jurar que foi só para mim que escreveu cartas de amor, que prometeu casamento? Não! Não pode! Porque eu vi a sua carta. Vi com meus próprios olhos. Ele me mostrou.

ROSINA-- Ele?

ERNESTO-- Você sabe quem.

Rosina chora muito alto, fazendo grande escândalo.

Ernesto se apavora, olha para os lados.

ERNESTO-- Meu Deus, Rosina, seu pai pode ouvir.

ROSINA-- Não importa! Eu estou disposta a tudo.

ERNESTO-- Diga. Pode negar o que eu te contei? Pode?

ROSINA-- Tudo não. Alguma coisa é verdade.

ERNESTO-- Ah!

ROSINA-- A promessa de casamento é mentira. Foram só duas cartas.

Duas. E tudo... por sua culpa.

ERNESTO-- Minha culpa!?!

ROSINA-- Sua culpa, sim. Não se lembra? Você brigou comigo uma vez e eu... foi uma loucura... para me vingar de você... que loucura!... foi bobagem minha, eu sei. Mas o que é que você quer? Eu estava despeitada.

ERNESTO-- Rosina... você não pensou que esse ato de loucura podia...
provocar a minha morte?

ROSINA-- Não!! Se tivesse pensado nisso não teria feito o que fiz.

ERNESTO-- Sei...

ROSINA-- Eu sei, eu sei que não mereço perdão. Tenho de ser castigada e baixo a cabeça. Só pedi que viesse até aqui para explicar o seu silêncio. Eu já te expliquei o meu êrro... Não posso querer mais.

ERNESTO-- Não pode?

ROSINA-- Não. Eu só queria era merecer sua amizade.

ERNESTO-- (atira-se de joelhos aos pés dela, agarra sua mão)
Por que não o meu amor? Acha que é possível apagar assim do coração um fogo que brilhou tanto tempo?

ROSINA-- Não! Não é possível! Eu sei que vou sofrer...

ERNESTO-- Não, Rosina. Nós dois fomos culpados. Temos de perdoar um ao outro.

ROSINA-- (olha longamente para Ernesto, toca a ponta dos dedos nos lábios dele) Eu... te perdôo.

ERNESTO-- Eu também te perdôo... querida.

Ernesto põe-se de pé, abraça Rosina. Beijam-se.

Música.

A luz se apaga lentamente sobre eles, acende-se o proscênio.

M. de A. entra e dirige-se à plateia.

M. de A.-- O casamento foi tres meses depois. A noiva estava radiante e o noivo parecia respirar os ares do paraíso. Deu-se uma grande festa, a segunda da casa. Compareceram todos os amigos de Ernesto. De casaca. Menos o moço do nariz comprido. Isso não quer dizer que a amizade deles tivesse esfriado. Não. Pelo contrário. O ex-rival de Ernesto...
Bom, tudo a seu tempo. O fim da história fica para o final da nossa peça. Prometo.

Por enquanto, basta saber que Ernesto e Rosina mudaram-se para Catumbi e alguns anos depois a casa foi vendida.
Passou de dono em dono até que em 1921 quem aqui vivia era o major Luís da Cunha Vilela, na companhia de sua sobrinha Adelaide e mais uma velha parenta, Dona Antonia de Moura Vilela.

À medida que ele diz os nomes, acendem-se focos sobre cada um dos personagens, imóveis, compondo um grupo na sala.

M. de A.- Mas vamos deixá-los, por enquanto e procurar o herói da nossa história:

As luzes na sala se apagam. M. de A. vai até o canto oposto do proscênio, onde já estão Luís Soares e seu amigo Pires.

M. de A.- Luís Soares (indica o próprio e sai)

LUIS- Trocar o dia pela noite é retomar o império da natureza, corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol parece que está dizendo para os homens irem descansar e dormir, enquanto que a frescura da noite é a verdadeira hora para se viver. Eu sou livre, não sou? Sou livre em todas as minhas ações. Não quero me sujeitar a essa absurda lei que a sociedade impõe. Porisso eu vivo de noite e durmo de dia.

PIRES- Das seis da manhã, às seis da tarde.

LUIS- Isso. Almoço às oito e janto às tres da madrugada.

PIRES- Sem nunca ir à missa, nem ler jornal...

LUIS- Jornal... O jornal é a coisa mais inútil deste mundo, Pires. Depois da Câmara dos Deputados, da obra dos poetas e das missas, claro.

PIRES- Quer dizer que você é ateu em religião, política e poesia...

LUIS- Ateu, não. Indiferente. Olho essas coisas com a mesma cara com que vejo... uma mulher feia.

PIRES- Graças à fortuna que seu pai te deixou...

LUIS- Que Deus o tenha em bom lugar.

PIRES- ... você pode viver assim: evitando o trabalho, de qualquer tipo, se entregando só aos instintos da sua natureza, aos caprichos do seu coração...

LUIS- Coração acho que é demais. Acredito que eu não tenho coração. Nasci com a grande vantagem de não ter coisa nenhuma dentro do peito, nem dentro da cabeça. Isso que chamam de juízo e sentimento são verdadeiros mistérios para mim.

CRIADA- (entrando) Com licença, seu Luís. Desculpe interromper, mas... chegou esta carta.

LUIS- Quantas vezes eu já disse que só recebo cartas dos meus amigos, ou então...

CRIADA- Se for perfumada. Eu sei. É por isso que eu não tenho entregado para o senhor as cartas que estão chegando do banco já faz um mês. Mas hoje, o banqueiro veio pessoalmente...

LUIS- Ele... ainda está aí?

CRIADA- Não, senhor. Deixou a carta e foi embora. Disse que é um grande perigo.

LUIS- Que perigo?

CRIADA- Não, sei, não senhor.

LUIS- Deixa ver essa carta.

A Criada entrega e sai. Luís abre, lê. Fica pálido, nervoso.

PIRES- Que foi, Luís?

LUIS- (entrega a carta) Leia você mesmo.

PIRES- (lê) Seis contos de réis...

LUIS- Seis contos. (pega a carta) É tudo que me resta da fortuna do meu pai.

PIRES- Que Deus o tenha em bom lugar.

LUIS- Seis contos pra mim são menos que seis vinténs.

PIRES- É, Luís. A fortuna, apesar de generosa, é exigente.

Ela sempre quer que os seus afilhados façam também algum esforço próprio. Que é que você vai fazer? Trabalhar é que não, claro.

LUIS- Nunca pensei ficar sem dinheiro, Pires... Seis contos!

PIRES- Eu... eu me mato!

PIRES- Suicídio?! Está louco.

LUIS- Louco? Eu não vejo outra saída. Além disso, é só meio suicídio, porque a pobreza já é meia morte.

PIRES- Concorde que a pobreza não é agradável, mas... suicídio, Luís?

LUIS- Viver pobre depois de ter sido rico... é impossível.

PIRES- Bom... que é que eu posso fazer por você? Dinheiro você sabe que eu não tenho.

LUIS- Me aconselhe, Pires.

PIRES- Te aconselhar pra que? Você já tem uma idéia fixa.

LUIS- Pode ser. Mas eu confesso que a vida, boa ou ruim, nunca é tão fácil de deixar. Morrer... dói. Por outro lado, ostentar a minha miséria diante das pessoas que me viram rico é uma humilhação que eu não aceito. O que é que você faria no meu lugar?

PIRES- Bom... tem muitos meios.

LUIS- Venha um.

PIRES- Primeiro meio: vá pra Nova York e arranje uma fortuna.

LUIS- Não. Eu fico aqui mesmo.

PIRES- Segundo meio. Arrume um casamento rico.

LUIS- Falar é fácil. Onde é que eu vou achar esse casamento?

PIRES- Procure. Não tem uma prima que gosta de você?

LUIS- Adelaide... (acende-se o foco sobre Adelaide na sala)

Acho que nem gosta mais. Além disso, não é rica. Tem só trinta contos... Despesa de um ano.

PIRES- É um bom começo.

LUIS- Nada. Outro meio.

PIRES- Terceiro e o melhor. Vá até a casa do seu tio, conquiste o velho. Diga que está arrependido da vida que levou, que aceita um emprêgo e aí consegue ficar herdeiro universal dele. (Pausa. Observa Luís que pensa, sério) Aposto que você gosta desse meio. (ri)

LUIS- Não é mau. Aceito. Sei que é difícil e demorado, mas eu não tenho muita escolha, não é mesmo?

PIRES- Ainda bem. Agora o que você precisa é de um pouco de juízo. Vai ser um sacrifício, mas é o único meio de conseguir uma fortuna depressa.

LUIS- Depressa?

PIRES- Seu tio não é um velho cheio de achaques? Qualquer dia bate as botas. Aproveite o tempo. E agora, vamos jantar na casa da Vitória.

LUIS- Eu não vou.

PIRES- Ora essa, por que?

LUIS- Quero me acostumar desde já a viver vida nova.

PIRES- Bom. Você é que sabe. Tchau.

Apaga-se o proscênio, os dois saem enquanto se acende a luz na sala.

- MAJOR- Pois eu acho que devia ir, Adelaide. No meu tempo de moço uma jovem bonita como você nunca trocava um passeio pela companhia de dois velhos doentes, quase mortos.
- ANTONIA- Um velho doente e quase morto. Não fale por mim, não. Que eu não estou nem velha, nem quase morta.
- ADELAIDE- Que é isso, tio? O senhor ainda vai viver muito.
- MAJOR- Será? Não sei, não. Às vezes, me parece que os meus sessenta já bastam.
- ANTONIA- Quem vê, pensa que é verdade! Pra que então fazer um regime tão severo? Não ligue pra ele, não, Adelaide. O Major está mais grudado na vida do que marisco na rocha.
- MAJOR- (ri, satisfeito de amolar a prima) Foi boa, Antonia. Boa. Então, eu pareço marisco, é? (ri) Você acha, Adelaide?
- ANTONIA- Parece, sim. Esta casa mais parece um convento! Você vive fechado na concha. Só recebe uns poucos amigos, algumas famílias da vizinhança. Sempre chorando pela sociedade antiga e criticando a nova sem parar.
- MAJOR- Imagine, Antonia! Eu sou até... constitucionalista.
- ANTONIA- Ha! Constitucionalista por necessidade. No fundo da alma queria mesmo era que voltasse o Império do século passado, a escravidão, tudo. (vai saindo, resmungando) Constitucionalista. Ha! Absolutista, isso sim que você é.
- MAJOR- (ri) É impossível ter segredos com duas mulheres na casa.
- ANTONIA- (tornando a entrar) Major! Que surpresa! Olhe só quem está aí. (entrega-lhe um cartão)
- MAJOR- (colocando os óculos para ler) Luís Soares. Luís Soares! Não pode ser! Deve ser caçoada.
- Adelaide se sobressalta ao ouvir o nome. O Major percebe, mas finge não perceber.
- MAJOR- Tem certeza, Antonia?
- ANTONIA- Pois a criada que atendeu disse que é ele mesmo. Está na sala de espera.
- MAJOR- Faz já... o que? Dois anos que ele não apareceu?
- ADELAIDE- Dois anos. E entre a última e a penúltima vez passou um ano e meio.
- MAJOR- Então? O que você acha, Adelaide? Mando entrar?
- Adelaide baixa os olhos e não responde.

MAJOR- Mando. (para Antonia) Mande entrar.

ANTONIA- (para a criada fora de cena) Mande entrar o moço. Vai, anda. (perturbada) Com licença, meu tio. (sai correndo)

ANTONIA- Adelaide! O que foi, querida? Adelaide! (vai saindo, falando consigo mesma) Mas o que será que deu nessa menina?

O Major abana a cabeça e sorri, compreendendo tudo.

Luís entra e se detém na porta. Os dois se olham um tempo.

LUIS- (avancando para o tio) Meu tio! Não precisa dizer nada. O seu olhar diz tudo. Eu sei. Fui pecador e me arrependo. Aqui estou (beija a mão do major).

MAJOR- Se o seu arrependimento é sincero, eu te abro a minha porta e o meu coração. Agora, se não é sincero pode ir embora já. Há muito tempo que não frequento o teatro: não gosto de comediantes.

LUIS- Nunca fui tão sincero, tio. Sei que fui louco, mas estou com trinta anos e entendi que já é hora de ter juízo. Reconheço agora que o senhor tinha razão. Eu achava que o que o senhor dizia era só rabujice de velho, mas essa... levianidade era natural em um rapaz educado no vício como eu fui. Felizmente ainda é tempo. Eu vou me corrigir.

MAJOR- Quando?

LUIS- Agora mesmo. Quero me emendar. E começo por aceitar um emprêgo público, tio.

MAJOR- É? E para que você quer um emprêgo público?

LUIS- Para trabalhar, para ser um homem sério.

MAJOR- (pensa, examinando o sobrinho que sustenta seu olhar)
Eu... acredito, Luís. (estende a mão)
Ainda bem que você se arrependeu em tempo. A vida que levava não era vida, nem morte: a vida é mais digna e a morte mais tranquila que aquilo. O filho pródigo retorna!
E vai ter o melhor lugar na minha mesa!

Se abraçam. Entra Antonia, arrastando Adelaide pela mão)

ANTONIA- Ah! Então, aí está o nosso querido.

LUIS- Dona Antonia (beija-lhe a mão, cavalheiro)

ANTONIA- A gente estava lá dentro, eu e Adelaide, quando...

O Major dá uma cotovelada para calar a velhota. Ela aperta os olhos míopes observando Luís que vai cumprimentar Adelaide. A moça treme e dá a ponta dos dedos a Luis)

LUIS- Como vai, prima?

ADELAIDE- Bem, obrigada (levanta os olhos e encontra o sorriso cínico de Luís. Perturba-se, baixa os olhos) Me dão licença?
(sai depressa)

ANTONIA- A gente estava lá dentro, eu e Adelaide, quando a criada contou que tinha chegado um moço. Quem pode ser?, eu disse. Esta casa só recebe velhos e velhotes faz tanto tempo!... Um jovem... quem sabe pode contar alguma novidade do mundo aí fora. Nós vivemos aqui como prisioneiras e só sabemos o que o Major nos conta quando sai. E ele sai tão pouco, não é major?

O Major ofereceu a Luis um charuto. Acende os dois, envolvendo a velha prima em fumaça).

ANTONIA- Eu, com a dor que tenho nas pernas, faz anos que não saio a não ser para a missa. Compras é Adelaide quem me faz. É claro que não preciso muito. Só lenços, fitas, essas tolices que as mulheres precisam. Um jovem em nossa casa, eu disse. Vamos, Adelaide, vamos para a sala. Mas é claro que não podíamos vir sem saber antes quem era. Mandei chamar a criada que atendeu a porta e quando ela me disse que era você, fiquei tão contente! Há quanto tempo não vem visitar a gente? Quanto tempo? Ah, ingrato.

O Major não cessa de soprar fumaça na cara da prima, mas ela abana e não se dá conta. Agora, ao acariciar maternalmente o rosto de Luis faz com que ele solte, mais uma baforada em seu rosto.

ANTONIA- (continuando, impávida) Pois não sabe que eu te segurei no colo assim? É. Os anos passam tão ligeiros. Esses olhos... esses olhos são de sua mãe. Tão linda. E boa, uma alma de ouro que nos deixou tão jovem. Na passagem do século acho que foi, não foi, Major? Vinte, vinte e um anos. Ah, mas

o porte é do teu pai. Ah, é o pai escrito e escarrado...
Não acha, Major?

MAJOR- (soltando uma baforada na cara dela) É, é sim, Antonia.
Agora, se nos dá licença, temos assuntos para tratar.

ANTONIA- Pena que você fume também. Eu canso de dizer ao Major que o tabaco é um veneno para a saúde. Mas não adianta nada! Os homens, principalmente os que já passaram de certa idade, nunca escutam os conselhos das mulheres. Nunca, nunca, nunca, nunca...

E você? Já tem alguém pra te aconselhar, garantoo?

MAJOR- Dona Antonia!

ANTONIA- Claro, claro (tosse, abanando a nuvem de fumaça com que os dois a envolveram) Deixo vocês com suas conversas sérias. Mas espero que desta vez não demore tanto para voltar aqui a nossa casa, hein? Eu já não tenho cabeça para datas, mas Adelaide sabe tudo. Quando soube que era o senhor que estava aí, disse assim: Faz dois anos que ele não aparece e entre a última e a penúltima vez passou um ano e meio.

O Major solta uma baforada junto do rosto dela. Antonia se engasga e tem uma crise de tosse. Sai, engasgada, mas resmungando)

ANTONIA- Ah, charutos! Não sei porque todo homem tem de ter um **charuto**

O Major senta-se, sorrindo escondido, faz sinal a Luis que se sente também.

MAJOR- Então, está mesmo disposto a trabalhar?

LUIS- Trabalhar?! Ah, claro, claro, meu tio. Foi para isso que vim.

MAJOR- Bom. Vou ver se te arranjo um emprêgo. Que emprêgo prefere?

LUIS- O que quiser, tio. Contanto que eu trabalhe.

MAJOR- (satisfeito) Bom. Muito bom. Amanhã você leva uma carta minha a um dos ministros. Quero te ver trabalhador. É sério. Quero te ver um homem. Meu pai, que morreu antes da República, dizia: "a dissipação não produz nada; a não ser dívidas e desgostos." Tem dívidas?

LUIS- Nenhuma.

Apaga-se a sala, acende-se o proscênio.

Pires já está falando, Luis vem até ele.

- PIRES-- (rindo) E era mesmo verdade?
- LUIS-- Não. Eu tinha uma dívida de alfaiate. Pequena. Mas queria pagar sem que o tio soubesse.
- PIRES-- E pagou?
- LUIS-- Até o último vintém.
- PIRES-- Quem diria, hein? Com os teus antecedentes ninguém te julgaria capaz disso. Quanto tempo já?
- LUIS-- Cinco meses. E os chefes da repartição ainda não têm um motivo de queixa contra mim. Eu sou funcionário exemplar.
- PIRES-- Exteriormente, senhor Luís Soares, sois um monge.
- LUIS-- Raspando-se um pouco, acha-se o diabo. (Riem)
É um sacrifício bem grande, mas não é para sempre.
- PIRES-- O que eu quero é acabar o mais depressa possível com essa história e voltar "aos hábitos de dissipação" como diz o tio. Só que o velho não morre. Continua firme.
- LUIS-- Forte e riço. E agora resolveu que a política é o melhor caminho pra mim.
- PIRES-- E você não desanimou o major, claro.
- LUIS-- Claro que não. Cheguei a dizer que o meu sonho era um cadeira no parlamento (riem)
- PIRES-- Você ainda acaba ministro.
- LUIS-- Escuta aqui. Você mora lá na casa?
- LUIS-- Não. Mas passo lá todo dia, depois do trabalho, só volto pra casa pra dormir.
- PIRES-- Sozinho?...
- LUIS-- Sozinho.
- PIRES-- As meninas têm perguntado de você. Sentimos sua falta.
- LUIS-- É, eu também sinto falta, mas não vai ser por muito tempo. Tudo por uma boa causa.
- PIRES-- A prima Adelaide?
- LUIS-- A prima Adelaide (ironiza)... tem vinte e quatro anos e a sua beleza, no pleno desenvolvimento da mocidade, tem o poder de matar de amor. Ela é daquelas que tem todas as energias. A da paixão e a da vontade.

Eles riem quando a luz se apaga no proscênio e se acende na sala. Adelaide caminha de um lado para outro, olhos vermelhos de chorar. Antonia, sentada no sofá, escuta.

ADELAIDE-- (intensa) Amei o Luís, sim. Amei. Não esse amorzinho de primos que brincaram juntos em criança, não. Amei com força. Com um calor que me queimava o corpo. Amei com a minha alma. E o que aconteceu, querida?

ANTONIA-- (ri, tristonha) Um dia, um amigo que sabia o meu segredo foi perguntar para o Luís porque não casava comigo. Sabe o que o Luís respondeu?

ANTONIA-- O que?

LUIS-- (no proscênio, acende-se foco sobre ele)
 Quem tem a minha fortuna não se casa. E se casa é sempre com quem tem mais. O que a Adelaide tem é um quinto do que eu tenho. Pra ela é negócio da China. Pra mim é um mau negócio.
 (apaga-se o foco)

ANTONIA-- Que horror! E você não contou nada, pobrezinha.

ADELAIDE-- Não. Foi fácil esquecer porque ele quase nunca vinha aqui. Mas agora... sou obrigada a conviver com esse homem. E nem sei o que é que eu sinto por ele.

ANTONIA-- Por isso é que vocês nunca conversam?

ADELAIDE--

ANTONIA-- É.
 Mas... ninguém segura o coração, meu bem. Não se impede o crescimento de uma planta sem arrancar suas raízes.

ADELAIDE-- É verdade. E as raízes ainda estavam aqui. Me esforcei o mais que eu pude, mas o amor foi invadindo devagarinho o lugar do ódio. Tem uma guerra aqui no meu peito. Uma guerra entre o orgulho e o amor. E eu... estou sofrendo. (chora)

Apaga-se a sala, acende-se o proscênio.

PIRES-- Sofrendo por ela?

LUIS-- Eu não. Ela.

PIRES-- Apaixonada? De novo? Como é que você sabe?

LUIS-- De amor eu entendo.

PIRES-- Você disse que não tinha coração...

LUIS-- Porisso mesmo é que entendo. (riem)

sabe, quando me cumprimenta, ela fica toda vermelha. Depois fica pálida. Esquenta, esfria. Treme.

PIRES-- Coitadinha,

LUIS-- Coitadinho de mim! Imagine se meu tio descobre o sentimento dela e me propõe casar. É o fim da herança.

PIRES-- Por que? Pode ficar com a herança e com a moça.

LUIS-- É? Ganhar asas, mas com a perna amarrada na corrente.

Não. Não sou papagaio! O que eu quero é a herança.
Sem o casamento.

Apaga-se o proscênio, acende-se a sala onde o Major já está falando.
Luís vai até ele.

MAJOR-- Esse casamento é o complemento da minha felicidade, Luís.
De um golpe só junto duas pessoas que gosto tanto.

E morro tranquilo, sem levar nenhuma tristeza pro outro mundo. Tenho certeza que você vai aceitar. Não vai?

LUIS-- (tempo) Aceito, meu tio. Mas veja bem, a base do casamento é o amor. E eu não amo minha prima.

MAJOR-- Acaba amando. Case primeiro...

LUIS-- Não quero que ela tenha uma desilusão.

MAJOR-- Quê desilusão! Gosto de te ouvir falar essa linguagem poética, mas casamento não é poesia. Claro, é sempre bom que duas pessoas já tenham alguma estima mútua antes do casamento. Isso acho que você tem. Esse fogo ardente de paixão, Luís, só fica bem em verso. Ou mesmo em prosa. Mas na vida, que não é verso nem prosa, o casamento exige só alguma compatibilidade de gênios, de educação e de estima.

LUIS-- O senhor sabe que não recuso uma ordem sua.

MAJOR-- Ordem não! Ordem não! Eu não ordeno nada, rapaz. Proponho só. Case com ela que vai me dar gosto. Só quero é que seja logo porque eu não estou longe do meu fim.

LUIS-- (animado) Está doente?

Adelaide entra e estaca, tímida.

O Major sorri para ela, sorri para Luís, encorajando.

Luís sorri também, mas caçoando da prima. Vai até ela.

LUIS-- Como vai, Adelaide?

AD ELAIDE-- (trêmula, apenas toca os dedos dele) Bem, obrigada.

Um momento sem assunto. O Major sorrindo benévolo, Luís sorrindo matreiro. Adelaide incomodada.

LUIS-- Eu... já vou indo. Até logo, tio. Adelaide.

ADELAIDE-- Até logo.

MAJOR-- Adeus. Adeus.

Luís sai. O Major vem abraçar a sobrinha.

MAJOR-- Ah! você pensa que eu, por ser velho, já perdi os olhos do coração. Mas eu vejo tudo, Adelaide. Vejo até aquilo que você quer esconder.

ADELAIDE-- Eu sei o que o senhor está pensando. Mas o Luís me despreza, tio.

MAJOR-- Nada. Antonia me contou que você já sofreu por ele no passado. Mas o Luís agora é um outro homem, Adelaide.

ADELAIDE-- Sempre que ficamos sozinhos ele é sempre o primeiro a se afastar... Tio, o Luís só sente... indiferença por mim.

A mesma indiferença de antes. A mesma.

MAJOR-- Que nada! Você tem de ter esperanças...

ADELAIDE-- Esperanças... Nenhuma!

MAJOR-- Confie em mim! (beija a sobrinha e sai)

ADELAIDE-- (muito emocionada, dolorida) Ele não me ama. Não vai me amar... nunca!

Ela chora e sai correndo.

Música breve. Por um instante a cena fica vazia.

Anselmo cruza pelo proscênio, atrapalhado com suas malas. Sai pelo outro lado. Mais um tempo de vazio.

Ouvem-se vozes na coxia.

ANSELMO-- (de fora) E eu lá preciso de apresentação, menina? Diga que Anselmo Barroso de Vasconcelos chegou da Bahia.

O Major, Antonia e Adelaide entram correndo para a sala.

Imediatamente irrompe Anselmo, atira as malas no chão, sem parar de falar.

ANSELMO- O veterano da República, fazendeiro, rico e riço, mais riço que pau de aroeira, começando uma nova mocidade aos setenta e oito anos. Major! Venha de lá um abraço! (se abraçam ruidosamente, afetuosos) Bravo!

ANTONIA- (apertando os olhos míopes) Quem é, meu Deus?

MAJOR- O Anselmo, Antonia.

ANTONIA- Anselmo?

ANSELMO- (abrçando Antonia com intimidade excessiva) Então se esqueceu de mim, Toninha. Seu melhor namorado da primeira juventude? (excitada e atrapalhada, libertando-se) Imagine! Namorado. Onde já se viu? Meu namorado era o Bento. Me lembro de tudo, muito bem. Você só queria era me seduzir. Doidivasas!

ANSELMO! Meu Deus! Quanto tempo... Você está bem. Muito bem. Você... é Adelaide.

ADELAIDE- Sim, senhor.

ANSELMO- Tenho de cumprimentá-la pelo desenvolvimento de tantas graças. (beija as faces dela, paternal) A última vez que nos vimos você era uma bonequinha assim. Sabe que fui o maior amigo de seu pai?

ADELAIDE- Sei.

ANSELMO- Pobre amigo: morreu em meus braços. (silencia um momento, compungido e sobressalta-se, assustando a todos) que dia é hoje?

MAJOR- Quinze.

ANSELMO- De que mês?

ANTONIA- É boa! De dezembro, homem.

ADELAIDE- (triste) Aniversário da morte de papai...

ANSELMO- Exatamente. Se o vapor se demora um dia em caminho, pregava-me uma peça. Preciso ter uma conferência com vocês. Todos vocês.

MAJOR- Quando?

ANSELMO- Hoje. Sem falta.

ANTONIA- A que horas?

ANSELMO- Agora mesmo.

ANTONIA- Mas... o almoço?

ANSELMO- Então, logo depois do almoço. Eu já estou mesmo com fome. Vamos almoçar. O que estamos esperando?

MAJOR- Meu sobrinho.

ANSELMO- Qual?

MAJOR- O único que tenho além de Adelaide. Luís. Luís Soares.

ANSELMO- Ótimo. Então junta-se a fome com a vontade de comer.

Ele também deve estar presente à nossa conferência.

ANTONIA- Bom. Já que temos de esperar, você há de querer se refrescar da viagem. Se acomodar.

ANSELMO- Absolutamente. Não quero dar trabalho. Tenho hotel reservado.

MAJOR- De maneira nenhuma. Vai ficar aqui conosco. Ora, essa é boa.

ANSELMO- Está bem. Aceito.

O Major e Anselmo pegam as malas. Saem todos.

Música breve enquanto a luz se apaga e torna a acender-se imediatamente.

O Major entra com Adelaide, seguido por Anselmo de braços dados com

Antonia. Luís Soares por último.

ANTONIA- Tenho a impressão que você quer nos matar de curiosidade.

Passaram tantos anos e você continua um moleque.

ANSELMO- Então, chegou a hora. Acomodem-se, por favor.

O Major se senta no centro do sofá, Antonia a seu lado.

Adelaide vai sentar-se do outro lado dele. Passa por Luís, olha brevemente para ele que sorri, malicioso, gozador.

Anselmo se coloca no centro da sala.

ANSELMO- Muito bem. Fazem hoje dez anos que faleceu o pai desta menina. Como sabem, o ilustre Dr. Bento Varela foi o meu melhor amigo e eu tenho consciência de haver correspondido à sua afeição até os últimos instantes. Lembram-se todos que ele era um gênio excêntrico: ideava vinte projetos, os mais grandiosos, os mais impossíveis, sem chegar ao fim de nenhum porque seu espírito criador tão depressa compunha uma cousa como já entrava a planejar outra.

MAJOR- É verdade.

ANSELMO- Bento morreu em meus braços e como derradeira prova de sua amizade confiou-me um papel com a declaração de que eu só o abrisse em presença dos seus parentes, dez anos depois de sua morte. (tira do bolso o papel, explorando a dramaticidade da situação).

MAJOR- Meu irmão sempre foi homem dos mistérios, das surpresas e das idéias extravagantes.

ANSELMO- (pigarreia e lê)

"Meu bom e estimadíssimo Anselmo,

quero que me prestes um último favor. Guarda estes trezentos contos, que são a maior parte da minha fortuna até daqui a dez anos. E ao terminar o prazo, lê esta carta diante dos meus parentes.

Se nessa época a minha filha Adelaide for viva e casada, entregue-lhe a fortuna. Se não estiver casada, entrega também, mas com uma condição: é que se case com o filho de minha irmã Luísa, meu sobrinho Luís Soares.

(música). Quero-lhe muito e apesar de ser ele rico, desejo que entre na posse da fortuna com minha filha. No caso em que esta se recuse a essa condição, fica tu com a fortuna toda.

Receba a estima e o derradeiro abraço de seu amigo fiel,

Bento Varela."

Um momento de silêncio em suspenso. Antonia aperta a mão de Adelaide e olha para Luís, os olhos míopes úmidos de emoção, dividida entre a alegria e o pesar pelo amor infeliz de Adelaide.

O Major sorri, satisfeito. Adelaide baixa o rosto, dura.

Anselmo dobra a carta, olha em torno, incomodado pelo silêncio.

Entrega a carta a Adelaide, levanta o rosto dela com a mão em seu queixo. Olha profundamente em seus olhos, entende tudo. Olha severo para Luís. E preenche o silêncio, hábilmente.

ANSELMO- Bem, agora que estão todos cientes espero que se resolvam.

Adelaide olha para Luís. Ele olha para ela, sério. O clima pesa, apesar do sorriso do Major e da tola emoção de Antonia.

ANSELMO- Como o resultado não pode ser duvidoso, desde já os felicito. (aperta a mão de Luís, estudando o rapaz)
Agora, Major, eu aceitaria um charuto.

MAJOR- Mas é claro. Estou certo que Antonia vai adorar te acompanhar até a sala de fumar. Ela adora charutos.

ANSELMO- Então, Toninha. Venha acender o meu charuto.

ANTONIA- (levantando e dando o braço a ele) É mentira do Major, Anselmo já vi mulheres fumando, mas modernismo não chega a tanto. O Major está de caçoada comigo.

Eles saem. O Major olha para Adelaide e para Luís.

Adelaide percebe o que se aproxima e levanta-se.

ADELAIDE- Com licença. Eu... vou para meu quarto.

Ela sai depressa. O Major pensa impedir, mas desiste. Ri, contente e vem passar o braço pelos ombros de Luís.

MAJOR- Você é o homem mais feliz do mundo.

LUIS- Acha mesmo, tio?

MAJOR- É, sim. Tem uma moça que te ama loucamente. E de repente, te cai nas mãos uma fortuna inesperada. Com a condição dela se casar com você. Até os mortos trabalham a seu favor.

LUIS- Eu acho, tio, que o dinheiro não pesa nada neste caso e se eu concordar em casar com a prima será por outro motivo.

MAJOR- Eu sei que a riqueza não é essencial. Não é. Mas sempre vale alguma coisa. É melhor ter trezentos contos do que trinta. Sempre é um zero a mais. Agora, concordo que não deve casar com ela se não tiver alguma afeição. Note que eu não disse paixão como você falou. Casar mal, apesar da riqueza, é sempre casar mal.

LUIS- Eu sei disso. Por isso é que ainda não dei a minha resposta. Nem dou, por enquanto. Se eu sentir que estou... gostando de Adelaide, então aceito essa... fortuna inesperada.

Apaga-se a sala, acende-se o proscênio. Pires falando, Luís vem até ele.

PIRES- Então, já resolveu: vai casar mesmo.

LUIS- Vou. Estou cansado dessa vida de funcionário. Não fui feito pra acordar cedo.

PIRES- E ela? Quer?

LUIS- Adelaide tinha adoração pelo pai. Vai obedecer a vontade dele. E está perdidamente apaixonada por mim. Você sabe.

PIRES- Então, a batalha já está vencida?

LUIS- Ainda não. Essa história dela ficar rica de repente exige o maior cuidado. A transição tem de ser lenta. Eu preciso ser diplomata. Quando eu chego na casa e quando vou sair, aperto a mão dela um pouquinho mais... olho nos olhos...

PIRES- E ela?

LUIS- Por enquanto continua tirando a mão depressa, mal me olha na cara. Está vendendo o peixe caro. Mas vai acabar se rendendo.

PIRES- Quem diria, hein? Você resolveu ser papagaio. Já está até metendo o pé na corrente.

LUIS- Não. A situação não é mais a mesma.

PIRES- Como não? É riqueza em troca da prisão! Papagaio.

LUIS- Ah, mas antes eu tinha de casar e esperar até o Major morrer pra receber alguma coisa. Agora é na hora. Casou, levou.

PIRES- Trezentos contos!

LUIS- Trezentos contos!

APAGA-se o proscênio, acende-se a sala.

Adelaide espera. Luís vem até ela, pára na sua frente.

Adelaide olha brevemente para ele, vira-se para sair, perturbada.

Luís a detém pelo braço.

LUIS- Adelaide... Espere. Não fuja. Eu... quero me desculpar.

Confessar o meu erro. Eu... tenho sido um idiota tratando você desse jeito.

ADELAIDE- Que jeito?

LUIS- Você sabe... Mas tente entender. A vida que eu levava antes era... Eu... até agora, não fui capaz de te entender, mas agora, estou arrependido. Você, com a sua força, acabou me... Você venceu.

ADELAIDE- Venci? Minha força? Do que é que você está falando?

LUIS- Você sabe.

ADELAIDE- Não. Não sei.

LUIS- A força da sua beleza, do seu amor... Eu... não estou mentindo. Não. Estou... tão apaixonado que seria capaz de cometer um crime.

ADELAIDE- Crime?!

LUIS- É. O suicídio é crime, não é?

ADELAIDE- Suicídio? O que é que você está dizendo?

LUIS- Estou dizendo que a vida não vale nada sem o seu amor.

Os dois se olham nos olhos. Adelaide está muito nervosa, mas forte. Tempo.

LUIS- Então... diga. Diga.

Ele agarra as mãos dela e se ajoelha.

Adelaide fica imóvel, tremendo, olhando fixamente para ele, quase chorando. Depois de um longo silêncio, o choro contido se transforma num sorriso de desprezo.

ADELAIDE- Trezentos contos! É muito dinheiro para comprar um patife!

Antes que Luís possa se levantar, entram o Major, Anselmo e Antonia. Estacam diante da cena, sorriem, Luís se levanta atrapalhado.

ANSELMO- Ah!... Pelo visto, a coisa anda!

ADELAIDE- (firme) Engano seu. Eu... não quero me casar com ele.

Silêncio estupefacto.

ADELAIDE- Apesar de venerar a memória do meu pai, não quero casar. O senhor pode ficar com o dinheiro.

MAJOR- (abraça Adelaide) Mas você... ama o Luís!

ADELAIDE- (olhando Luís, dura) Amei.

ANSELMO- Então... ama outro?

ADELAIDE- Não.

MAJOR- Então... se explique.

ANSELMO- (puxando o Major) Não, meu amigo. Não é justo forçar a menina a nenhuma explicação. A decisão é dela. E só dela. Entre o casamento e a fortuna ela escolhe a fortuna. É justo. Que fortuna? Se não casar, o dinheiro é seu.

MAJOR- Meu! E eu lá sou algum explorador? Que me importa a fantasia de um amigo generoso? O dinheiro é dessa menina, a legítima herdeira. E não meu, que aliás, já tenho bastante.

ANTONIA- Isso é bonito, Anselmo. Muito bonito.

ANSELMO- Bonito é o que eu vou propor agora. Eu estava pensando... Que tal aproveitar o ensejo e irmos todos para a Europa?

MAJOR- (olhando Luís, preocupado) Vamos pensar...

ANSELMO- Que pensar nada! Se pensarem não embarcam. E tem um vapor de partida depois de amanhã. Você está bem de saúde e garanto que não sai desta casa há anos. Esta moça (abraça Adelaide) há de gostar de ver a Europa. E acho que até a Toninha aqui (abraça Antonia) vai gostar de ir. Apesar da idade.

ANTONIA- Idade?

ANSELMO- Ah, Antonia. Entre nós não podemos mais ter esses segredos. E eu vou também. Não tenho porque voltar para a Bahia tão cedo. Então, fazer as malas! Eu providencio tudo.

Ele agarra Antonia e o Major pelo braço e vai arrastando os dois para fora. Os dois saem, olhando por cima do ombro para Adelaide e Luís parados um diante do outro. Saem.

Eles se olham um tempo. Adelaide se volta e vai saindo. Pára na porta e vira-se para olhar Luís. Imóvel, fixo no lugar ele esboça um gesto na direção dela. Adelaide olha um momento e dá uma gargalhada. Sai.

A luz se apaga. Resta apenas um foco sobre a solidão de Luís, que se apaga muito lentamente.

Acende-se o proscênio. M. de A. dirige-se à platéia.

M. de A.- A única perspectiva de Luís Soares era... o trabalho diário. E uma vaga esperança de ser incluído um dia no testamento do tio. Foi. Três anos depois morreu o Major e, de toda a sua imensa fortuna, Luís Soares recebeu esta casa. Que ele perdeu num jôgo de pôquer para um certo senhor Vasconcelos, famoso por ter sorte no jôgo e no amor e mais invejado ainda porque tinha se casado com a bellissima Augusta.

Apaga-se o proscênio. Acende-se a sala.

Augusta está reclinada no sofá, lendo um livro distraidamente.

M. de A.- É verão. Corre o ano de 1939.

ELISA- (entrando) Papai já acordou?

AUGUSTA- Não.

ELISA- São onze horas. Papai dorme muito.

AUGUSTA- É que foi deitar tarde.

ELISA- Eu nunca digo boa noite pra ele antes de dormir. Ele nunca está em casa.

AUGUSTA- (rindo, afagando a filha) Porque você é uma caipira que vai dormir com as galinhas. Aqui o costume é outro. Seu pai tem o que fazer de noite.

ELISA- Política, mamãe?

AUGUSTA- Não sei.

Entra Carlota, tão elegante quanto Augusta.

AUGUSTA- Carlota! Como vai?

CARLOTA- Bem. E você? (beijinhos) E você, Elisa? (beijinhos)

AUGUSTA- Como sempre. Que surpresa você aparecer sem avisar.

CARLOTA- É que eu vou dar uma festa quarta feira que vem, passei pra te convidar.

AUGUSTA- Festa? Pra comemorar o que?

CARLOTA- Nada. É só pra inaugurar meu vestido novo. (riem)

AUGUSTA- Bonito?

CARLOTA- Magnífico. E caríssimo! (riem)

AUGUSTA- Seu marido? Como está?

CARLOTA- Trabalhando. E o seu?

AUGUSTA- O meu dorme.

CARLOTA- (maliciosa) Como um justo?

AUGUSTA- (maliciosa) Dorme. (risos)

CARLOTA- E você, Elisa? Aposto que já tem algum noivo em vista.

ELISA- Não. Não tenho.

CARLOTA- Claro que deve ter. E se não tem, vai ter logo, garanto.

E desde já eu profetizo que vai se bonito. E rico. Bem rico.

AUGUSTA- É muito cedo.

CARLOTA- Cedo!

AUGUSTA- É. Ela ainda está muito criança.

ELISA- E cheguei não faz nem seis meses.

CARLOTA- Como era a vida lá na fazenda?

ELISA- Boa. Sossegada demais. Mamãe achou que já era hora de eu voltar pra cidade.

CARLOTA- Quanto tempo você ficou lá mesmo?

AUGUSTA- Dez anos...

ELISA- Dos cinco aos quinze.

AUGUSTA- ... meu Deus, como o tempo voa.

CARLOTA- Então. Agora está na hora de começar a descobrir a sociedade. Pra arrumar logo um noivo.

AUGUSTA- Não! Elisa vai casar quando for tempo. E o tempo ainda está longe. Não é, Elisa?

CARLOTA- Sei. Você quer preparar bem a menina. Está certo. Faz muito bem. Mas nesse caso é melhor não tirar as bonecas...

AUGUSTA- Ela não tem mais bonecas.

CARLOTA- Ah, então vai ser difícil evitar os namorados. Uma coisa substitui a outra. (as horas soam num relógio ao longe)

Meu Deus! Tenho de ir. Marquei hora no cabeleireiro. Vamos? Não posso. Meu cunhado vai me levar pra fazer compras.

CARLOTA- Com o carro novo?

AUGUSTA- É. Quer esperar pra ir com a gente?

CARLOTA- Fica para outra vez. Então te espero quarta-feira. E veja se leva o teu marido.

AUGUSTA- Duvido.

CARLOTA- Tchau, Elisa (beijinhos)

ELISA- Tchau.

Carlota e Augusta saem. Elisa folheia o livro da mãe um momento.

Vasconcelos entra de robe de chambre, Elisa corre para ele, que abraça a filha carinhoso, senta-se no sofá, senta a filha sobre o joelho.

ELISA- Por que acorda tão tarde?

VASCONCELOS- Porque deito tarde.

ELISA- E por que deita tarde?

VASC.- (ri) Isso agora já é pergunta demais. Deito tarde porque... por necessidade política. Você não sabe o que é política. É uma coisa muito feia, mas muito necessária.

ELISA- Eu sei o que é política, sim.

VASC.- Sabe? Então me explique.

ELISA- Lá na fazenda, quando quebraram a cabeça do prefeito da vila disseram que tinha sido por política. Eu achei esquisito porque política seria não quebrar a cabeça dele...

Vasconcelos ri deliciado. Augusta entra lendo distraída o jornal dobrado que entrega a Vasconcelos.

- AUGUSTA- Convidou alguém para o almoço?
 VASC.- Não. Hoje não. Vai sair?
 AUGUSTA- Vou fazer compras. Lourenço vai me levar. Você vai comigo, Elisa? (vai saindo)
 ELISA- Não, mãe. Quer que eu prenda seu cabelo? (sai com Augusta)
- Vasconcelos abre o jornal, começa a ler.
 Gomes aparece na porta.
- GOMES- Dá licença?
 VASC.- Ah, quem é vivo sempre aparece.
 GOMES- Você é que nunca me procura.
 VASC.- Mentira. Passei na sua casa duas vezes, disseram que você tinha saído.
 GOMES- Então, foi coincidência, porque eu quase nunca saio.
 VASC.- Vai virar ermitão?
 GOMES- Não. Vou virar borboleta. Agora sou só um casulo.
 VASC.- Lá vem poesia.
 GOMES- É verdade. Estou criando asas.
 VASC.- Asas?
 GOMES- Asas de anjo. E quero voar para o céu do amor.
 VASC.- Do amor? (ri) Você?
 GOMES- Juro. O que é que eu fui até hoje? Um cafageste gastando a rôdo o meu dinheiro e o meu coração. Mas isso basta pra dar sentido pra vida? Não. Parece que não.
 VASC.- É. Não basta. É preciso que exista mais alguma coisa.
 (ri, debochado e malicioso)
 GOMES- Mas não isso que você está pensando, não. Eu descobri que sem um amor casto e puro a vida é um puro deserto.
 VASC;- Vai casar?!!
 GOMES- Não sei se vou casar. Eu sei é que estou amando. E é claro que pretendo casar com a mulher que eu amo.
 VASC.- Casari! (gargalhada) Então, vai abandonar a noite.
 GOMES- Já abandonei. De agora em diante hotéis, buates, casas suspeitas... nunca mais!
 VASC.- Então, é sério? Você está mesmo apaixonado.
 GOMES- Estou. Eu sabia que você não ia acreditar. Eu também não acredito. Mas é verdade.

VASC.- E você não vai revelar quem é.

GOMES- Não revelo pra ninguém. só pra você.

VASC.- Eu mereço essa confiança?

GOMES- Não é que mereça. É inevitável. Você tem de saber antes de todo mundo quem é a dona do meu coração. É... sua filha.

VASC.- Elisa?!!?

GOMES- Elisa. (tempo, estuda Vasconcelos) Você aprova?

VASC.- Eu... tenho de aprovar. Você é meu amigo. Está apaixonado e se ela também te ama... Mas e a sociedade?

GOMES- O que tem a sociedade?

VASC.- A sociedade acha que eu e você somos dois cafagestes.

Ninguém vai aprovar a minha aprovação.

GOMES- Então você recusa?

VASC.- Que recuso nada, pateta. O problema existe, mas você pode argumentar.

GOMES- Como?

VASC.- Dizendo que a sociedade é uma grande caluniadora, intrigante e maldosa.

GOMES- A sociedade é uma grande caluniadora, intrigante e maldosa. (riem)

VASC.- Minha filha é sua, mas com uma condição.

GOMES- Qual?

VASC.- Que ela também te ame. Ama?

GOMES- Não sei.

VASC.- Como não sabe? Isso parece coisa do tempo antigo. Você nem desconfia?

GOMES- Eu sei que amo Elisa. Que daria a minha vida por ela. Mas não sei se sou correspondido.

VASC;- Há de ser. Há de ser. Eu me incumbo de apalpar o terreno pra você. E daqui uns dois dias te dou uma resposta. Está bom assim? Então, você vai acabar meu genro, hein?

Riem muito, se abraçam camaradas. Vasconcelos leva Gomes até a porta e volta para ler o jornal. Assim que se senta, entra Brito.

BRITO- Com licença? A criada mandou entrar.

VASC.- (atrapalhado) Ahn? Eu não estava esperando a sua visita hoje, seu José Brito.

BRITO- Me admira muito porque hoje é dia vinte e um.

VASC;-- É? Achei que era dezenove.

BRITO-- Ante-ontem foi dezenove. Hoje é vinte e um (mostra no jornal) Quinta-feira, vinte e um. Pode ver.

VASC.-- Veio buscar o dinheiro?

BRITO-- É. Está aqui o título.

VASC.-- Por que não veio mais cedo?

BRITO-- Eu vim. Às oito da manhã. O senhor estava dormindo. Vim às nove, o senhor continuava dormindo. Vim às dez, idem. Às onze, idem. Queria vir ao meio dia, mas tive de mandar prender um outro que não me pagou e não pude. Daí fui almoçar. E agora (olha o relógio de bolso), duas e doze vim de novo.

Mas a hora não interessa, seu Vasconcelos, porque eu tenho certeza que o senhor vai me pagar.

VASC.-- Tem? Pois está enganado. Eu pensei que hoje era dezenove e não arranjei o dinheiro.

BRITO-- Então... como é que a gente faz?

VASC.-- Simples. O senhor espera até amanhã.

BRITO-- Amanhã tenho de testemunhar no julgamento de um sujeito que eu mandei processar por dívida. Amanhã não posso.

VASC.:- Eu levo na sua casa.

BRITO-- Seria bom. Seria muito bom, mas não é assim que se faz uma transação comercial. Se a gente fosse amigo era natural. Eu aceitava a sua promessa e tudo acabava amanhã. Mas a gente não é amigo. Eu sou credor do senhor e só me interessa proteger os meus interesses, certo? Por isso, acho melhor o senhor pagar hoje.

VASC.-- Mas eu não tenho!

BRITO-- É. Isso deve incomodar muito o senhor, mas não me impressiona nem um pouco. Quer dizer, um pouco impressiona, sim, porque a sua situação é precária.

VASC;-- Precária?

BRITO-- É. As casas de Botafogo estão hipotecadas. As da Penha o senhor vendeu e o dinheiro já acabou faz tempo. A fazenda também já tem só metade das terras, de antes, porque o senhor loteou o resto. E não faz muito tempo o senhor gastou uma fortuna pra montar casa pra um dama. Eu sei de tudo. Sei mais que o senhor.

VASC.-- Bom... mas... Enfim, o que é que se pode fazer.

BRITO-- Simples. A gente duplica a dívida e o senhor me assina outro

título. Agora. (já vai tirando papéis e caneta do bolso)

VASC.- Duplicar a dívida? Mas isso é roubo!

BRITO- Não é, não. Isso é uma tábua de salvação. Eu até estou sendo bonzinho. Vamos lá. Assine aqui o título novo.
Eu rasgo o velho.

VASC.- (pega a caneta) Pode rasgar.

BRITO- Pode assinar.

Vasconcelos assina, Brito rasga o título sorrindo financeiramente.

Vai guardar os papéis rasgados no bolso, Vasconcelos estende a mão,
Brito entrega.

BRITO- Passe bem, seu Vasconcelos. Dentro de dois meses nos vemos de novo. (na porta se volta, mau) Ou antes. (sai)

Vasconcelos mete os papéis rasgados no bolso e caminha de um lado para outro, pensando.

VASC.- Claro! A solução está bem debaixo do meu nariz! É uma coisa que não devia ter saído da minha cabeça! Gomes! O Gomes é rico. Ele casa com a Elisa e como é meu amigo não vai me negar o que eu precisar. É claro que eu, do meu lado, me viro pra recuperar o que perdi. Ah! que sorte aparecer agora esse casamento!...

Elisa entra, Vasconcelos se controla.

VASC.- Elisa, sabe quantos anos você tem, minha filha?

ELISA- Claro, né, pai. Tenho quinze.

VASC.- Sabe quantos anos tem a sua mãe?

ELISA- Vinte e sete.

VASC.- (ri)

ELISA- Ela que disse.

VASC.- Tem trinta. Quer dizer, tua mãe casou com a sua idade; quinze anos. (pausa. Ele acaricia a filha) Você já pensou no casamento?

ELISA- Já.

VASC.- É mesmo?

- ELISA- É. Pensei e não quero casar.
- VASC.- Não quer? Essa é boa. Por que?
- ELISA- Porque eu não tenho vontade. Vivo muito bem aqui.
- VASC.- Ué... você pode casar e continuar vivendo aqui.
- ELISA- Não. Não tenho vontade, pai.
- VASC.- Ah, já sei. Você gosta de alguém. Vai, me conta.
- ELISA- Não. Eu não gosto de ninguém e não quero mais falar disso, pai.
- VASC.- Mas temos de falar, minha filha. Você é criança, não pensa no futuro. Imagine se eu e sua mãe morremos? Amanhã. Quem é que vai te amparar? Só um marido.
- ELISA- Mas eu não gosto de ninguém.
- VASC.- Por enquanto. Mas vai gostar. Ainda mais se o noivo for um rapaz bonito, de bom coração... Eu já sei de um que te ama muito e que você vai adorar.
- ELISA- Eu? Mas quem é?
- VASC.- É o Gomes.
- ELISA- Ah, o Gomes. Eu não amo ele não, pai.
- VASC.- Por enquanto. Mas não vai me dizer que ele não bonito, bom, simpático, inteligente... Hein? Dentro de dois meses você vai estar apaixonada por ele. Não vai? Tenho certeza.
- ELISA- Então? Está combinado?
- VASC.- Mas pai... E se eu for infeliz?
- ELISA- Imagine! Infeliz! É impossível! Você vai ser muito, muito feliz, minha filha. E vai amar muito o seu marido.
- ELISA- Ah, papai... Eu não queria casar ainda.
- VASC;- Elisa, querida, qual é o primeiro dever de uma filha, qual? (perturbada, contendo a emoção) Qual?
- ELISA- Obedecer o pai. Não é?
- VASC.- É.
- VASC.- E eu sou seu pai. Quero que você case com o Gomes, você casa.

Vasconcelos sai, fugindo para esconder a própria irritação.

Elisa, sozinha, chora.

Entram Lourenço e Augusta cheia de caixas de compras.

Elisa enxuga os olhos, disfarçando. Augusta nada percebe, Lourenço vê.

AUGUSTA- Ai, estou morta de cansada. Comprei coisas lindas, Elisa.

Suba comigo. Venha ver o vestido que comprei para a festa da Carlota. (sai com as caixas)

Elisa vai sair, mas Lourenço vai até ela, segura seu rosto, carinhoso.

LOURENÇO-- Então, Elisa? Que olho vermelho é esse? Estava chorando?

ELISA-- Não, tio.

LOURENÇO-- Que não o que? Pensa que eu sou bobo. Que é que foi?

ELISA-- Papai... papai quer que eu case.

LOURENÇO-- É?

ELISA-- É. Com o Gomes.

LOURENÇO-- O Gomes...

ELISA-- E eu não quero.

LOURENÇO-- Não gosta dele?

ELISA-- Não gosto, nem desgosto. Só não quero casar ainda.

LOURENÇO-- Por isso é que estava chorando?

ELISA-- É. Porque não quero casar.

LOURENÇO-- Pois pode ficar sossegada. Não vai casar, não. Eu te prometo, viu?

ELISA-- O senhor fala com papai? Promete?

LOURENÇO-- Prometo. Que casar o que! Seu pai é um bobo.

ELISA-- (abraça e beija o tio) Obrigada, tio Lourenço.

Elisa sai correndo, mais animada. Vasconcelos entra, ajoitando abotoaduras, pronto para sair.

LOURENÇO-- Vai sair?

VASC.-- Vou.

LOURENÇO-- Quero falar com você.

VASC.-- Fale.

LOURENÇO-- Sente.

VASC.-- Estou de saída, Lourenço. Diga lá.

LOURENÇO-- Faz dezesseis anos...

VASC.-- Ih! Está começando de muito longe. É melhor pular uns anos senão não vou poder ficar pra te ouvir.

LOURENÇO-- Faz dezesseis anos que você casou e tem uma grande diferença entre hoje e o primeiro dia.

VASC.-- Claro. O tempo muda tudo.

LOURENÇO- Não sei se você lembra, mas naquela época você dizia que tinha encontrado o paraíso. E durante uns dois, tres anos foi mesmo um marido exemplar. Depois, Vasquinho, você mudou.

VASC.- Não me chame de Vasquinho.

LOURENÇO- Completamente. O tal paraíso teria virado um inferno se a tua mulher não fosse fria e indiferente como é.

VASC.- Lourenço. Você é meu irmão e tal, mas não tem nada a ver com isso, tá bom?

LOURENÇO- Nada. E nem é disso que eu quero falar. O que me preocupa é que eu não quero que você sacrifique a sua filha por causa de um capricho.

VASC.- Sacrificar a Elisa? Do que é que você está falando?

LOURENÇO- Você quer entregar a menina pra um dos teus companheiros de farrá.

VASC.- Você está louco!

LOURENÇO- Estou calmo. E tentando te dar um conselho de irmão mais velho. Não sacrifique a sua filha pra um ... cafageste, igual a você.

VASC.- Gomes não é nenhum cafageste. Reve lá as suas aventuras de rapaz, é verdade. Mas gosta da Elisa. E está mudando de vida se você quer saber. É um bom casamento. E acho que nós todos devemos aceitar isso. É o que eu quero. E nesta casa mando eu.

Augusta entra com o vestido novo, deslumbrante, gira na sala.

AUGUSTA- Que tal?

VASC.- Vai sair?

AUGUSTA- Não. Acabei de comprar. Não é lindo?

VASC.- Você hoje está muito bonita.

AUGUSTA- (sorri intrigada, irônica) É? Pois estou igual a todo dia. Estranho é você me dizer isso hoje.

VASC.- (se aproxima, sedutor e provocante do corpo da mulher)

Não. Você hoje está mais bonita que todo dia. Eu sou capaz até de ter ciúmes...

A intimidade da situação constrange Lourenço. Ele sai)

AUGUSTA- (fria, ri da sedução dele, afasta-se) Que bobagem.
 VASC.- Augusta... eu tenho pensado muito na Elisa.
 AUGUSTA- (surpresa) É? Por que?
 VASC.- Está moça.
 AUGUSTA- Moça! Elisa só tem tamanho. É uma criança.
 VASC.- Está mais velha que você quando casou comigo.
 AUGUSTA- (desconfiada) O que é que você quer, Vasconcelos?
 VASC.- Quero que Elisa seja feliz. E feliz pelo casamento.
 Um rapaz, digno da nossa filha, veio me pedir a menina.
 E eu disse que sim. Quando souber quem é tenho certeza que
 você também vai aprovar a escolha. É o Gomes.

Augusta se sobressalta, mas controla-se e continua atenta ao vestido.

VASC.- Não é bom?
 AUGUSTA- Não.
 VASC.- Como não?
 AUGUSTA- Elisa é uma criança. Não tem juízo, nem idade própria.
 Vai casar quando fôr hora.
 VASC.- E você tem certeza que o noivo espera?
 AUGUSTA- Paciência.
 VASC.- Você... tem alguma coisa contra o Gomes? Eu estou farejando
 aí algum segredo, Augusta.
 AUGUSTA- Nada. Não tenho nada contra ele. É um rapaz distinto.
 Mas não serve para Elisa.
 VASC.- Por que?
 AUGUSTA- Você tem certeza que ele é o marido certo pra Elisa?
 VASC.- Tenho.
 AUGUSTA- Bom. Apesar disso, ela não vai casar já.
 VASC.- E se ela amar o Gomes?
 AUGUSTA- O que importa isso? Ela espera.
 VASC.- Nós... não podemos evitar esse casamento, Augusta. Vai
 ter de ser.
 AUGUSTA- (surpresa) Não estou entendendo... Por que vai ter de ser?
 VASC.- Vou te explicar.
 AUGUSTA- Por favor.
 VASC.- O Gomes tem uma boa fortuna.
 AUGUSTA- Nós também.

VASC. - Aí é que você se engana.

AUGUSTA - Como assim?

VASC. - Bom. Mais cedo ou mais tarde você ia ter de saber mesmo, é melhor contar de uma vez. A verdade é que nós... estamos arruinados.

AUGUSTA - Não acredito!

VASC. - Infelizmente, é verdade.

AUGUSTA - Bom, se nós estamos com as finanças abaladas acho que o senhor tem coisa melhor pra fazer do que ficar conversando, não?

VASC. - O que, por exemplo?

AUGUSTA - Trabalhar. Ganhar dinheiro. É. Não se admire tanto, não. Seu dever é refazer a fortuna.

VASC. - O dever não me assusta. O que me admira é você me dizer isso nesse tom. Até parece que a culpa é minha.

AUGUSTA - Vai me dizer que fui eu...

VASC. - A culpa... se é que existe alguma culpa, é de nós dois.

AUGUSTA - Por que? Minha também?

VASC. - Também. A tua despesa maluca contribuiu muito pra gente estar onde está. Nunca te recusei nada, nem recuso.

Seis meses depois do nosso casamento, você entrou nesse... turbilhão da moda: festas, bailes, teatro... As despesas crescendo, crescendo. Até virar desperdício.

Sabe o que o meu irmão me disse uma vez? Que você tinha mandado Elisa pra fazenda só pra poder viver sem nenhuma preocupação. É fato, não é?

AUGUSTA - (respira fundo, escorrega) E por que motivo o senhor não impediu essas despesas que eu fazia?

VASC. - Eu queria a paz doméstica.

AUGUSTA - Não! Não! Você queria era a sua vida livre e independente. Quando viu que eu me entregava pra essas despesas com luxo, com supérfluos, você achou que ia comprar a minha tolerância com a sua tolerância. Foi só por isso, por mais nada! A sua vida não é igual a minha, Vasconcelos, é pior... Porque eu fazia despesas em casa, mas você fazia na rua. Não adianta negar. Eu sei de tudo. De tudo! Conheço, de nome, uma por uma, todas as rivais que você me deu. Uma por uma. Eu nunca disse uma palavra. Nem vou dizer agora porque não ia adiantar nada. Agora é tarde demais.

VASC.- (depois de um tempo incômmodo) Seja como for, a culpa é tanto sua quanto minha. Você não tem o direito de jogar nada na minha cara. Tenho de arrumar dinheiro, concordo. E o jeito é casar a Elisa com o Gomes.

AUGUSTA- Não!

VASC.- Eu não entendo a sua recusa, sabe?

AUGUSTA- Não.

VASC.- Bom, então vamos ficar pobres. Pior do que estamos agora. Vendemos tudo e...

AUGUSTA- Desculpe, mas eu não entendo bem por que razão o senhor, que é forte e é o maior culpado do desastre, não vai ganhar a vida com seu próprio esforço.

VASC.- Porque isso é coisa que demora. E até lá vamos continuar tendo gastos. A vida continua. O único jeito é casar Elisa com o Gomes.

AUGUSTA- Não quero! Já disse. Não consinto nesse casamento.

Pronto! Acabou-se!(sai, furiosa)

Vasconcelos avança para o proscênio que se acende. Apaga-se a sala. Ele medita, intrigado.

VASC.- Ela não quer mesmo esse casamento com o Gomes. Por que? Será... será que é ela que ama o Gomes?

Eles... podem ter tido um romance. Podem...

O Gomes frequente aqui a casa faz... o que? Seis anos. Sempre teve plena liberdade. A traição era fácil.

Essa frieza da Augusta pode ser só uma capa...

Quando eu disse o nome dele... ela reagiu.

Augusta e Gomes... amantes!

Apaga-se o proscênio, acende-se a sala. Lourenço está falando, Vasconcelos vai até ele.

LOURENÇO- Bobagem, Vasquinho. Augusta não é infiel. E isso por dois motivos: um de consciência, outro de temperamento. Ela... não gosta do papel de espôsa, mas não seria capaz de quebrar o juramento que fez no altar. Augusta não foi feita pra paixão, Vasquinho. Ela só ama a própria beleza, entendeu? Mais ninguém. Eu já te disse isso. Se a sua mulher recusa o casamento da filha, algum motivo há de ter. Mas esse, não. É um mistério, um segredo. É o casamento com o Gomes que

VASC.-

ela recusa. Com o Gomes.

LOURENÇO- Porque foi no Gomes que você falou. Se falasse de outro, ela ia recusar do mesmo jeito. Tem de ter algum outro motivo. Vai ver que Elisa pediu para a mãe dar o contra. Sua filha não ama o rapaz, não pode casar com ele.

VASC.- Pois não casa, então. O que eu quero agora é entender esse segredo de Augusta.

LOURENÇO- Tem outros segredos que você tem de saber também.

VASC.- O que? Diga logo.

LOURENÇO- Esse casamento não passa de especulação do Gomes.

VASC.- Especulação? Como assim?

LOURENÇO- Ele está fazendo a mesma coisa que você. Você dá sua filha de olho no dinheiro dele. E ele aceita a menina de olho no seu.

VASC;- Mas ele tem...

LOURENÇO- Tem nada. Está tão quebrado quanto você. Eu fui investigar.

Descobri tudo. Ele quer continuar com a vida de aventuras que sempre teve e o jeito é casar com a tua filha pra pegar o teu dinheiro.

VASC.- Tem certeza disso?

LOURENÇO- Absoluta. Se quiser tirar a prova mande chamar ele aqui. Conte tudo. Vai ver a cara dele.

Gomes surge na porta, sorridente, alegre.

GOMES- Então, meu sogro, posso entrar?

VASC.- Ah, Gomes. Que bom que você chegou. Eu estava aqui dizendo para o meu irmão que ia mandar te chamar. Vocês se conhecem, não?

GOMES- Claro. Como vai, seu Lourenço?

LOURENÇO- Muito bem, obrigado. Com licença, eu... prometi levar Augusta para jantar. Até logo. (sai)

VASC.- Sente, Gomes, sente. Eu... queria falar com você sobre o casamento.

GOMES- Algum problema?

VASC.- É. Nós temos de esclarecer algumas coisas, pra não aparecer nenhum mal-entendido mais tarde.

GOMES- Concorde.

VASC.- Você... ama a minha filha?

- GOMES-- Quantas vezes tenho de te dizer isso?
- VASC.-- O seu amor está acima de tudo?
- GOMES-- De tudo.
- VASC.-- Bom. Vamos ser francos. Além do amigo que você sempre foi, agora é quase meu filho. A gente não deve ter nenhum segredo um com o outro, certo?
- GOMES-- Certo.
- VASC.-- Eu... fiquei sabendo que os meus negócios não estão indo muito bem. As despesas que eu fiz mexeram muito com as minhas finanças, de modo que eu não vou estar mentindo se te disser que estou... pobre. (observa a careta disfarçada do Gomes) A Elisa não tem nada. Nada. É só uma mulher que eu vou te dar. Um anjo, que vai ser excelente espôsa. (atrapalhado, pensa um tempo) Eu... agradeço a sua franqueza, Vasconcelos. E vou ser sincero também.
- VASC.-- É isso mesmo que eu espero de você.
- GOMES-- É claro que não foio dinheiro que fez aparecer esse amor. Você sabe que eu estou acima dessas coisas.
- VASC.-- Claro.
- GOMES-- Além do que, no dia que eu te pedi a mão da sua filha, achava que era rico.
- VASC.-- Achava?
- GOMES-- Escute. Ontem o meu procurador veio falar comigo, pra me revelar o estado dos meus negócios.
- VASC.-- Mau?
- GOMES-- Se fôsse só isso! Faz seis meses que eu estou vivendo dos esforços desse coitado. Ele vendeu coisas, aplicou dinheiro, fêz o que pôde. E não tinha coragem de me contar a verdade. Ontem fiquei sabendo de tudo.
- VASC.-- Ah!
- GOMES-- Imagine o desespero de um homem que acha que está muito bem de vida e de repente descobre que não tem nada.
- VASC.-- É. Eu imagino. Por mim mesmo.
- GOMES-- Eu entrei aqui alegre, porque a única alegria que sobrou na minha vida mora nesta casa. É Elisa. Mas a verdade é que eu estou à beira do abismo.

Olham-se um tempo, ambos mentirosos.

GOMES- Eu agradeço a sua franqueza. E aceito a sua filha. Mesmo sem nada. Eu também não tenho nada! Mas ainda me resta força pra trabalhar.

VASC.- Você aceita?

GOMES- Aceito a Elisa com uma condição: que ela espere um pouco. Até eu conseguir recomeçar a minha vida. Assim que tiver os pés no chão, volto aqui. Pra casar.

VASC.- Se ela concordar...

GOMES- Por favor, fale com ela. Tenho certeza que ela vai entender. (tempo, levanta-se) Ah, se eu ainda fôsse rico, já me declarava pra ela hoje mesmo e ia poder provar que sou teu amigo de verdade.

Se abraçam, emocionados. Gomes sai. Vasconcelos pára, pensa, abana a cabeça, sorri.

VASC.- De tudo o que ele disse, só acredito numa coisa: que não tem mais nada.

Bobagem esperar. Esse aí não volta. E não tem a menor importância porque duro com duro não faz bom muro.

Vasconcelos sai por um lado, Augusta e Carlota entram do outro.

AUGUSTA- Elisa ainda é muito criança.

CARLOTA- Criança!

AUGUSTA- É, sim. Não tem idade pra casar.

CARLOTA- Eu, se fôsse você, não impedia esse casamento, não.

O Gomes não me parece um mau rapaz.

AUGUSTA- E não é mesmo. Mas eu não quero que Elisa case.

CARLOTA- Você é que sabe. Eu tenho de ir, Augusta (beijinhos)

AUGUSTA- Fique para o chá.

CARLOTA- Não posso. Venho outro dia. Mas antes de ir quero te perguntar uma coisa que não estou entendendo.

AUGUSTA- Diga.

CARLOTA- Mais cedo ou mais tarde Elisa vai ter de casar, Augusta.

Você já pensou nisso?

AUGUSTA- Ah, vai ser o mais tarde possível (tempo) se você soubesse o terror que me dá a idéia do casamento de Elisa.

CARLOTA- Mas por que, meu Deus?!

AUGUSTA-- Você não sabe, Carlota? Por causa dos filhos dela. Que vão ser meus netos. A idéia de ser avó é um horror, Carlota. Um horror.

Saem as duas, Vasconcelos, intrigado entra pelo outro lado e espera. Augusta retorna, olha o marido, nada diz. Pega seu livro e vai sair.

VASC.-- Ouvi a sua conversa com aquela mulher...

AUGUSTA-- Não era segredo nenhum. O que foi que ouviu?

VASC.-- O motivo do seu... terror! Pra mim foi a revelação de um segredo, sabe? Nunca pensei que você venerasse a sua beleza a ponto de ser tão egoísta. Com sua própria filha. O casamento com o Gomes não vai acontecer mais. Mas se a Elisa gostar de alguém algum dia, nós não podemos impedir...

AUGUSTA-- (cortando) Até lá, vamos esperar. (vai saindo, na porta se volta) Mas é bom que as coisas fiquem bem claras. Nada mudou. Você pode continuar pensando só nas outras, que eu me encarrego de pensar em mim mesma. Só em mim mesma. É disso que você me acusa, não é?

Sai, sem esperar resposta.

A luz se apaga súbitamente. Acende-se o proscênio. M. de A. entra e dirige-se à platéia.

M. de A.-- Depois do que acabamos de ver Vasconcelos e Gomes se encontraram muitas vezes. Conversam, riem, dão o braço um ao outro, exatamente como dois amigos, que nunca foram ou como os velhacos que são.

Augusta continuou empenhada em fazer Elisa ser tão linda quanto ela, tão elegante quanto ela, tão vaidosa quanto ela. E para isso era preciso dinheiro. Dinheiro que Vasconcelos conseguiu vendendo a casa.

Dois anos depois quem mora aqui é... Rosina. E Ernesto, claro. Eu prometi que contava o fim da história, vou cumprir a promessa.

O Moço de Nariz Comprido mostrou que não guardava rancor e continuou amigo de Ernesto. Mais que amigo: é padrinho de um filho de Ernesto. Amigo, compadre e, durante todos esses anos, sócio de Ernesto numa loja de armarinhos.

E ganharam tanto dinheiro que Ernesto pôde comprar de volta a casa onde tudo começou.

Luz na sala. Apaga-se o procênio, mas M. de A. não sai. Fica num canto, assistindo a cena.

No centro, uma pequena mesa de jogo. O Moço à esquerda, Rosina à direita, em frente a ele e no centro, entre os dois, Ernesto. Os três muito velhinhos: por volta dos seus setenta e cinco anos. Jogam cartas.

ROSINA- É você, Ernesto.

ERNESTO- Ahn?

ROSINA- Distraído outra vez...

ERNESTO- É esta casa. Quem diria, hein? Mudamos daqui por causa dos filhos, voltamos pra cá por causa dos netos.

Foi uma vida boa, não foi, minha velha?

ROSINA- Foi. Foi, sim. E ainda é.

Por baixo da mesa, Rosina descalça o chinelo e acaricia o pé do Moço de Nariz Comprido. Tranquilamente, ele corresponde. Ernesto nada vê.

ERNESTO- (para o Moço) Você devia ter casado... E ainda está em tempo se você quiser. Por que não casar?

MOÇO- Que nada, Ernesto. Eu agora já morro solteiro.

A luz se apaga lentamente, restando apenas um foco sobre os pés adúlteros debaixo da mesa.

Acende-se o procênio. M. de A. olha significativamente para o público, sorri conivente e malicioso e, discretamente, puxa a cortina, fechando a cena, encerrando a peça.

Fim.